

Uria Simango quando em Nachingwea fazia a sua auto-crítica



A VOZ DOS TRAIDORES EM NACHINGWEA "TENHO MUITO SANGUE A PESAR SOBRE A MINHA CABEÇA" - Lázaro Kavandame

Perante milhares de combatentes moçambicanos, autoridades tanzanianas e jornalistas, Uria Simango, Paulo Gumane, Basílio Banda, Arcanjo Cambue e Samuel Simango fizeram confissão pública dos seus actos de traição praticados contra o povo moçambicano.

Presidida por Samora Machel, e com a presença de Marcelino dos Santos, foi efectuada uma reunião no centro político-militar de Nachingwea, durante a qual não só os referidos traidores, como ainda Lázaro Kavandame e o grupo dos «chairmen» de Cabo Delgado confessaram as suas implicações no assassinato de combatentes da Frente de Libertação Nacional, bem como toda a sua actuação contra a causa nacional.

Conforme já ontem relatado, Uria Simango descreveu a forma como foi perpetrado o assassinato do Presidente Eduardo Mondlane, acusando a intervenção do engenheiro Jorge Jardim e de alguns elementos da ex-PIDE de Moçambique. Embora se tenha declarado não-culpado em tal crime, a sua afirmação não convenceu os presentes, especialmente as autoridades tanzanianas, que na altura haviam investigado o caso.

MERCENARIOS EM MOÇAMBIQUE

De salientar o ter sido apurada, através da confissão dos principais traidores internados em território tanzaniano, a preparação de uma invasão de Moçambique por parte de mercenários, durante os fins de Dezembro do princípio de Janeiro. Tal invasão estava a ser estruturada por elementos ligados aos imperialismo e ao capitalismo, com os quais os traidores estavam em estreito contacto, para o que haviam efectuado diversas reuniões em território sul-africano.

Também Joana Simião, Mateus Owengere, Mohamed Aniff, Amhede Haider e Absaio Bahule, representantes da Coremo, Monipamo, Fumo e Frecomo, foram acusados de traição. Foi ainda salientado o objectivo do Partido Nacional da Coligação — organização em que aqueles pseudo-partidos políticos se haviam fundido, sob o benepfício da «Convergência» e do «Fico» — e que se propunha levar a efeito um golpe de traição ao povo moçambicano.

Este golpe traduziu-se pelo criminoso movimento de 7 de Setembro, que inicialmente estava previsto para o dia 20 do mesmo mês, tendo sido ante-

cipado devido a intrigas e divergências dentro do próprio círculo reaccionário. Durante o apuramento das responsabilidades deste grupo de traidores, foram referidos por várias vezes os nomes de conhecidas individualidades de Moçambique, sobressaindo os do dr. Avilez, engenheiro Pires de Carvalho, dr. Velez Gilfo, Gomes dos Santos, bem como alguns dos Mesquitalas e dos Cardigas.

Também a sua ligação com elementos reaccionários do Exército Português foi claramente definida. Tal facto veio assim reforçar e pôr de claro o avontado com que o nome do então general António de Spínola era referido durante os dias de ocupação do Rádio Clube de Moçambique.

CONFISSÕES DE OUTROS TRAIADORES

«Muito sangue pesa sobre a minha cabeça» — foi uma frase repetidamente dita por Lázaro Kavandame durante a sua confissão pública. Como ele, também Assahei Junassane Mazula, ex-membro do Conselho Legislativo e da Assembleia Nacional do antigo governo português em Moçambique, confessou as suas trai-

ções, tendo afirmado haver pertencido à PIDE.

De comum, a admiração de todos os traidores pela forma como foram tratados pela Frente de Libertação de Moçambique durante o seu internamento em Nachingwea, declarando estarem arrependidos dos seus actos anteriores e pedindo perdão pela traição feita a Moçambique e ao seu povo.

O Presidente Samora Machel afirmou então que iria ser exercida uma estreita vigilância sobre eles, numa tentativa de reeducação dos mesmos e possível aproveitamento para a educação das gerações futuras. Esta confissão pública foi transformada por Samora Machel numa verdadeira lição para todos, e quem alertou mais uma vez para o perigo que a reacção representa, afirmando que esta ainda não morreu, pelo que é necessário manter uma permanente vigilância.

O Presidente Samora Machel reafirmou igualmente a linha política da FRELIMO, que se identifica sempre com as classes oprimidas e luta contra quaisquer forma de exploração, venha ela de onde vier.